



A PESCA DAS ESPONJAS NA ILHA DE CUBA.

A sociedade de acclimação, recentemente fundada em França, e que tantos serviços tem já prestado, cuida em naturalisar nas costas da Algeria diferentes especies d'esponjas; mas procural-as-ha no Oriente, e não no novo mundo. As esponjas do mar das Antilhas (*spongia conica, crateriformis, singularis, clavarioides, microsolina, etc.*) estão longe de gosar do mesmo favor, no commercio, que gosam as suas congeneres expeditas annualmente dos mares da Grecia.

O litoral da ilha de Cuba é immenso, pois que, segundo mr. de Humboldt, eguala com pouca differença quasi o d'Inglaterra. Em varios sitios, estas aprasiveis praias são povoadas, em distancia das terras, d'esponjas communs cuja pesca constitue uma lucrativa industria. Os preparativos para a extracção d'esta util substancia não são nem muito caros, nem muito difficeis. Uma ou duas barcas de solida construcção, varas muito compridas cortadas na floresta e armadas de ganchos de ferro, uma draga com bastante resistencia para arrastar os coraes e esponjas de que está semeado o fundo do oceano, eis os principaes objectos de que os pescadores devem prover-se. Depois segue-se a habitação, que é preciso edificar em uma praia muitas vezes completamente deserta, e ás vezes tambem em um estrado le-

vantado sobre estacas. As verdejantes cabanas dos antigos habitantes de Cuba, que se designavam pelo nome de *bohio*, parece terem servido de modelo ao simples abrigo que preparam para si os pescadores cubanos. Tres estacas unidas e formando um cone, alguns ramos verdejantes entrelaçados, um tecto pyramidal guardado de folhagem, formam a casinha onde se abrigam os nossos industriaes. O elemento que lhe faz obter uma especie de riqueza, ministra-lhes o sustento; porque as diversas qualidades de peixe que se pesca n'estas paragens fornecem delicioso alimento.

A verdadeira rainha das Antilhas hoje, não é S. Domingos, é Cuba. A superioridade incontestavel de que goza este bello paiz é devida, na verdade, tanto á sua perseverante industria e ao zelo scientifico de alguns dos seus habitantes, como á abundancia de suas producções.

UMA PAGINA DE BERNARDIM RIBEIRO.

Todas as vezes que leio este meu apaixonado escriptor, mais profundamente me convenço que bem fino e sentido foi aquelle amor que deu causa ao livro.

FEVEREIRO, 13, 1858.

VOL. II. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

Sentimentos assim não se descrevem sem que o coração os experimente; porque a poesia da alma não se sabe traduzir quando faltam os affectos que são a palheta onde se preparam as tintas que dão colorido aos quadros grandiosos.

O livro de Bernardim Ribeiro, porque nasceu dos intimos pensamentos de sua alma apaixonada, tem a virtude de fazer sentir ao leitor suas meigas e suaves queixas, convencendo-o de que lê um facto verdadeiro acontecido com o autor, que descreveu sob nomes fabulados, e com o disfarce das historias de cavallaria, os principaes lances do seu amor ausente, cujas saudades lhe mataram a vida.

Disse *nomes fabulados*, e talvez que o não sejam, podendo mui bem ter sido os proprios dos personagens que interferiram n'aquelle saudoso drama. O nome do autor, que com cuidadoso reparo nas suas letras faz conhecer que *Bimnard* significa *Bernardim*, pode entregar-nos o fio mysterioso d'aquella tão segredada paixão, estudando se fôr possível na vida d'aquelle tempo os personagens que, na presumpção de mais contacto com o nosso escriptor, se chamaram *Alvaro*, *Fernando*, *Cecilia*, *Joane*, *Diogo*, *Ignez*, *Isabel*, etc., e que pela troca de letras figuram nas saudades por *Avalor*, *Donanfer*, *Zicelia*, *Ienao*; *Godiuo*, *Enis*, *Belisa*, etc.

Para bem se apreciar comtudo a traça do livro, aconselharei ao leitor estudioso que o leia na sua primeira, ou ainda segunda edição, hoje rarissimas. Ha annos que as busquei com empenho, porque desejava confrontal-as com as mais vulgares onde sentia em varios capitulos certas faltas de unidade, e desigualdades de estylo, que me denunciavam mão traiçoeira de desalmado censor; e só pude encontrar um exemplar na selecta livraria do senhor conde da Silvã, actualmente recolhida na Bibliotheca Publica de Lisboa. Foi bem compensado aquelle meu aturado cuidado com a descoberta do livro, porque assim tive meios de verificar a fraude, e restituir á obra do nosso autor as paginas que lhe haviam roubado. Esta edição assim restaurada foi a que dei á estampa na collecção intitulada *Bibliotheca Portugueza*, destinada a reproduzir, por preços razoaveis, as obras dos nossos classicos; empresa bem auspiciada, e mal fadada, porque a morte prematura d'um dos seus mais activos collaboradores dispersou o gremio que tanto de coração se entregava a taes estudos.

Toquei de passagem este incidente por vir a pello no assumpto que vou tratar. Para tornar mais intelligivel n'aquella edição o sentido do autor, regulei pela pontuação o meio facil de o comprehender, pondo assim aquellas bellezas ao alcance de muitos para quem seriam inintelligiveis conservando a virgulação do original, porque bem pouco se davam os antigos a este cuidado, chegando mesmo a cortar por pontos finaes o meio da oração. Isto pelo que respeita á edição da *Bibliotheca Portugueza*. Lembrei-me depois, em horas de repoisado ocio, de traduzir

(permitta-se-me o termo) para a nossa linguagem de hoje os pensamentos impressos na linguagem de então, tornando mais comesinho aos menos eruditos o livro de Bernardim Ribeiro. Ahi vae o ensaio que fiz no *Romance* com que terminam as suas obras.

ROMANCE.

« Levou-me minha dôr ao longo de uma ribeira, que corre na falda do monte, onde, por muito tempo, o grande amor me fez guerra. Era já tarde d'aquelle dia. A agua serpeava por entre um alto arvoredado, correndo ás vezes queda, e outras alterosa.

« Principiava o verão, quando as aves começam com seus maviosos cantares a embellesar tudo; e ao ouvil-as descantar assim ao murmuro saudoso das aguas, logo as minhas desditas se me representaram na memoria. Quizera então antes morrer do que ter soffrido aquelles desgostos por que passei... Qué digo? — passei! Melhor diria — heide ainda passar, emquanto houver penas, que sempre as hade haver.

« Não cessavam um instante aquellas aguas, que assim corriam, de trazer-me ao pensamento que taes eram minhas penas; pois d'estes tristes olhos sempre estão manando aguas que já abriram caminhos pelo meio do meu rosto: e nem em tamanha desdita já tenho outro prazer; por que esse que cuidei ter, foi-se-me não sei como; d'onde hei por crença que só veio para depois me deixar.

« Estando ali assim tão alheio do que esperava, vi da banda do rio um homem encanecido, cuja barba e cabellos arrastavam pelo chão.

Pasmado o olhava, e elle para mim, até que fallou, dizendo: « Tambem vae esta agua ao Tejo. »

« N'isto olhei e vi o meu *desejo*, sósinho e triste, collocado por traz d'elle, e todo vestido de dô. Chorava, mas não dizia palavra; e tinha o rosto lavado em sangue, e uma das mãos posta sobre a bocca, como se a grande paixão lhe tolhesse a falla.

« O velho que para tudo isto olhava, e me via tambem chorar, assim começou: — Eu proprio sou o teu *cuidado* que, criado em outra terra, foi comtudo n'esta que nasci. Esse outro que aqui está é o teu *desejo*, que em má hora o viste, e terras e mar passará, traspassando-te a ti de magoas!

« Quando isto lhe ouvi juntei suspiros ás lagrimas com que meus tristes olhos pagavam o fôro do unico bem que elles olharam, que outro nunca tiveram, nem eu o tive, nem m'o deram, nem o esperei; que só de o ver estava tão contente, que nem logar tinha para mais esperar.

« Achando-me assim triste, com os tristes olhos arrasados de lagrimas, olhei para a outra banda do rio, e já não vi ninguem!

« Deitei-me a caminhar pela beira do rio abaixo té chegar a Montemór, guardado só por meus

males. Ahi, para os lados do meio-dia, figurou-se-me que d'entre uns assustadores penedos, onde as aves agoireiras passam o dia aguardando a noite, elle saia a receber-me, dando o braço a uma mulher, que de cansada não se podia ter em si, e para mim disse: — Olha, triste, aqui tens a tua triste *lembrança!*

«Então affirmei minha vista na sua, e d'ella me enchi todo, que a primeira e derradeira coisa que vi das que apparecem e desapparecem no mundo, foram os seus rasgados olhos verdes, tão prenhes de lagrimas que logo pareciam encher d'ellas continuamente as suas faces, como se de muito tempo houvera treguas entre mim e meus cuidados. Negro manto cobria-lhe os loiros cabellos ondeados. Na tristeza dava mostras de que desejava morrer.

«Arredando de sobre mim os olhos como furtados, tornou a olhar-me em cheio, e rasgando os alvos peitos, prerompeu queixando-se em alta voz, e dizendo mui sentida: — «Qual maior dôr na vida para logo morrer d'ella?»

«E calou-se sem soltar mais palavra.

«Exhalando gemidos, fui choroso ter com ella para a consolar, mas n'isto escondeu-se o sol, e fez-se noite escura; e de mim mal disse, minha sina e triste vida porque não morri.

«Não foi longe d'aquelle sitio que ouvi então uma voz bradar-me: — Bernardim Ribeiro, olha para todos os lados, e vê onde estás!

«Enxerguei só escuridão, e por isso cerrei os olhos, e não mais os reabri; que depois de perdidos nunca senti tamanho bem como este triste mal.»

Ahi fica este pequeno romance todo cunhado na melancolica poesia da alma de Bernardim Ribeiro.

Ha quem conteste a lenda que fez do poeta o amante da infanta Beatriz, depois duqueza de Saboia, e que o namorado trovador fosse á corte da infanta em trajos de peregrino, só para a ver uma vez, e vir sepultar-se depois nas solidões da serra de Cintra, e ahi findar a existencia; mas se bem applicarmos o sentido da lenda á namorada narração que se acaba de ler, pode desculpar-se quem lhe der credito, porque o proprio poeta é quem nos conta que peregrinando, ainda uma vez se encontrou com a sua triste *lembrança* n'aquelle piedoso estrago de quem padece uma ausencia, e que pasma de a ter soffrido sem n'esse momento morrer; e que depois d'essa entrevista, a ultima, nunca mais abriu os olhos ao mundo, porque vivo se sepultou para não sentir outro bem maior do que aquelle seu triste mal.

Do livro nos diz o seu parente Manuel da Silva Mascarenhas, que o assumpto são amores do paço n'aquella idade d'el-rei D. Manuel; e que estas historias verdadeiramente aconteceram, sendo o principal d'ellas coisas suas de certo amor ausente. Manuel da Silva, como parente próximo e coevo, tinha necessariamente razão de saber o que affirmava, quando nos diz o mo-

tivo porque se não deu á estampa na vida do autor; razão que se nos torna clara meditando a elevada posição d'aquella que inflammara o coração do poeta, e pensando nos tristes effeitos que se lhe deveriam seguir se em tempo se imprimisse o seu livro.

Assim vemos que não havendo razão plausivel para affirmar a exactidão da lenda popular, menor argumento ha para a combater; sobresaindo d'estes extremos só uma verdade — que aquelle amor foi grande e immenso; correspondido, mas infeliz; e que por tão maviosas e ternas saudades os seculos consagraram ao poeta o epitheto de fino namorado.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

CATALOGO DOS GOVERNADORES DE CABO-VERDE.

- Duarte Lobo da Gama, 1592.
 Braz Soares de Mello, 1595.
 Francisco Lobo da Gama, 1597.
 Fernando de Mesquita e Brito, 1603.
 Francisco Corrêa da Silva, 1606.
 Francisco Martins de Sequeira, 1611.
 Nicolau de Castilho, 1614.
 D. Francisco de Moura, 1618.
 D. Francisco Rollim, 1622.
 Francisco de Vasconcellos e Cunha, 1624.
 João Pereira Corte-Real, 1628.
 Francisco Cristovão Cabral, 1632.
 Jorge de Castilho, 1636.
 Jeronymo Cavalcanti d'Albuquerque, 1639.
 João Serrão da Cunha, 1640.
 Jorge de Araujo, 1642.
 Roque de Barros do Rego, 1648.
 Gonçalo de Gamboa, 1650.
 Pedro Semedo Cardoso, idem.
 Jorge de Mesquita Castel-branco, 1651.
 Pedro Ferreira Barreto, 1653.
 Francisco de Figueirôa, 1658.
 Antonio Galvão, 1663.
 Manuel da Costa Pessoa, 1667.
 Manuel Pacheco de Mello, 1671.
 João Cardoso Passaro, 1676.
 Manuel da Costa Pessoa, (segunda vez) 1682.
 Ignacio de França Barbosa, 1685.
 Verissimo de Carvalho da Costa, 1687.
 Diogo Ramires, 1690.
 Manuel Antonio Pinheiro da Camara, 1692.
 Antonio Gomes Menna, 1696.
 D. Antonio Salgado, 1698.
 Gonçalo de Lemos Mascarenhas, 1702.
 Rodrigo d'Oliveira da Fonseca, 1707.
 José Pinheiro da Camara, 1711.
 Manuel Pereira Calheiros, 1715.
 Serafim Teixeira Sarmiento, idem.
 Antonio Vieira, 1720.
 Francisco Miguel da Nobrega, 1726.
 Francisco d'Oliveira, 1728.
 Bento Gomes Coelho, 1733.
 José da Fonseca Barbosa, 1737.

João Zuzarte, 1748.
 D. Antonio d'Eça, 1751.
 Luiz Antonio da Cunha d'Eça, 1752.
 Manuel Antonio de Sousa Menezes, 1757.
 Marcelino Pereira d'Avila, 1761.
 Bartholomeu de Sousa Brito Tigre, 1764.
 D. João Jacomo de Brito Baena, 1766.
 Joaquim de Salema Saldanha Lobo, 1769.
 Antonio do Valle de Sousa Menezes, 1777.
 Duarte de Mello da Silva e Castro, 1781.
 D. Fr. Francisco de S. Simão, (bispo) 1782.
 Antonio Machado de Faria e Maia, 1784.
 Francisco José Teixeira Carneiro, 1789.
 José da Silva Maldonado d'Eça, 1793.
 Marcelino Antonio Bastos, 1796.
 D. Antonio Coutinho de Lancastre, 1803.
 Antonio Pussich, 1818.
 João da Matta Chapuzet, 1822.
 Caetano Procopio Godinho de Vasconcellos, 1826.
 D. Duarte da Costa Sousa de Macedo, 1830.
 Manuel Antonio Martins, (prefeito) 1834.
 Joaquim Pereira Marinho, 1835.
 Domingos Corrêa Arouca, 1836.
 Joaquim Pereira Marinho, (segunda vez) 1837.
 João de Fontes Pereira de Mello, 1839.
 Francisco de Paula Bastos, (barão de Bastos) 1842.
 D. José Miguel de Noronha, 1845.
 João de Fontes, (segunda vez) 1848.
 Fortunato José Barreiros, 1851.
 Antonio Maria Barreiros Arrobas, 1854.
 Sebastião Lopes Calheiros de Menezes, (está nomeado) 1857.

F. M. B.

A ROSA.

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL.)

Nos jardins te ergues altiva
 Perfumada e linda rosa,
 Outras flores offuscando
 Cada qual mais invejosa.

O mel dentro em teu calix
 Sabes, avara, occultar,
 P'ra que a tonta borboleta,
 Sobre ti venha adejar!

Nos cristaes a tua imagem
 Do manso arroio se vê,
 Espelho fazes da lympha,
 Que te vem beijar o pé.

Um docel fazes das folhas
 D'um arbusto secular,
 Que aos raios do sol te esquiva
 Para te não desbotar!

O rouxinol trina amores
 Em torno de ti, ó flor,
 Que fôra empresa difficil,
 Ver-te, e não morrer d'amor!

Eu, que, tambem, insensato,
 Busquei rir do teu poder,
 De ti me sinto captivo,
 E captivo sem querer!

Ai! deixa que o teu perfume
 Logre em teu seio libar,
 Antes que algum vendaval
 Te venha o viço roubar.

Abril, 9 — 1856.

A UMA CRIANÇA.

Meigamente em teus olhos formosos,
 A innocencia dos anjos transluz!
 A innocencia casada á poesia,
 Que em taes annos mais prende e seduz.

Ai! anjinho, tu medras, contente,
 Sob as vistas e extremos da mãe,
 Que sorri se te encara o sorriso,
 Que se choras padece tambem!

De que affecto e cuidados és fito!
 Que alegria contigo sorri!...
 Que esperanças formosas te embalam!
 Como todos se int'ressam por ti!...

Essa edade, festiva e doirada,
 Só deseja, só pensa em brincar!
 Ai! que invejas me accordas n'esta alma!
 Ai! que tempos me vens recordar!

Folga, pois, descuidada innocencia!
 Cresce ao collo de tanta meiguice,
 Que mais tarde virão mil saudades,
 Recordar-te a gentil meninice!

Quando, virgem, depois intenderes,
 A linguagem do mundo fallaz,
 Deus te cerre os ouvidos, Marianna,
 Á' paixão... que um inferno nos traz!

Mas se acaso a tua alma, sensivel,
 Sequiosa, chamar pelo amor,
 Deus te dê de honradez um modelo,
 Que tu possas amar sem rubor!

Deus te dê n'este mundo a ventura,
 Sem jámais ter na vida um desgosto
 Que do peito te expulse o socego,
 Que desmaie o carmim do teu rosto!

Maio — 1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).

Quando os governos são representantes de
 partidos, tem menos difficuldade em conter os
 inimigos, que em satisfazer aos compromissos,
 e exigencias dos amigos.



SUPERSTIÇÕES DOS SELVAGENS D'AMERICA DO SUL.

Um sabio do seculo passado, J. B. Thiers, publicou dois volumes que se procuram ainda, e que intitidou *Tratado das superstições*. Está claro que os povos civilizados, antigos e modernos, é que pagam as despesas d'estes tristes annaes, onde se acham reunidas as doenças mais deploraveis, quero dizer, as mais ridiculas do espirito humano. Mas de que volumosa collecção não seria augmentada a obra já bem grossa do douto theologo, se elle tivesse querido registrar a innumeravel serie de superstições, ás vezes horriveis, que veem accrescentar as miserias do selvagem! Seria preciso um tratado *ex professo* unicamente para as enumerar, e os viajantes, que teem feito do pobre indio das florestas d'America o homem independente em toda a verdade do termo, obedeceram a uma observação bem superficial. Basta ter entrado por vezes na cabana do indio, a horas em que toda a natureza dorme, para adquirir a certeza d'esta triste verdade. Vêde, á meia noite, assentado, junto á sua miseravel habitação, este guerreiro de formas athleticas, temido de todas as tribus visinhas: inquietado por uma chimera ou pelo encontro inesperado de alguma innocente creatura, não ousa dormir, não que tema a morte, tem-na arrostando mil vezes; mas receia o desconhecido, e teme o espirito maligno, que, por diabolicas intrigas, pode tornar inutil a sua coragem. Vêde-o ainda, emmagrecido, baloiçar-se tristemente na sua mais bella rede, presa no cimo da cabana cheia de fumo, ao lado d'uma pobre mulher que amamenta um recém-nascido. Ella pariu ha

uma semana, e já se entrega ás numerosas necessidades da casa, sem que seu marido cuide em prestar-lhe por momentos o soccorro d'um braço cujo vigor deixa enfraquecer; abstem-se d'isso, em verdade, por puro amor paternal. Os medicos prophetas, os *piayes*, decidiram, ha seculos, que depois d'um parto trabalhoso, não é a mulher que tem direito de descansar, é o guerreiro. Triste descanso, é preciso dizel-o; descanso forçado, que a superstição das florestas torna quasi sempre bem doloroso. Se o agil guerreiro determina viajar em vez de estar na cama por espaço de três semanas, o menino pode vir a ser paralytico; e para que a saude do novo descendente seja perfeita, é preciso que aquelle miseravel se sujeite a não comer, durante todo o tempo que leva a verificar essa circumstancia, a não serem alguns grãos de milho, algumas pitadas d'uma farinha secca e insipida tirada da mandioca, boa quando muito para obstar a que succumba.

Acabamos de nomear os *piayes*. Como observou judiciosamente o doutor Barrière, os *piayes* são, por assim dizer, os depositarios de todas as superstições indias; o seu poder sobre estes espiritos tão extravagantemente accommettidos dos mais pueris terrores, é immenso; mas, pode affirmar-se, compraram-no por uma cega submissão a superstições ainda mais terriveis do que as que espalham ao redor de si.

Na Guyana, como no Brazil e boccas do Rio da Prata, não pode ser *piaye* senão o que tiver jejuado rigorosamente tres annos, e não tem o

direito de dominar os espiritos senão depois de ter engulido corajosamente duas ou tres meias canadas de sumo de tabaco. Depois d'esta terrivel iniciação, e quando a nicotina os não faz succumbir, as mil illusões, resultado d'esta horrrosa bebida, são impostas ao povo como outras tantas verdades. Os caraibas da terra firme tinham a este respeito uma reputação que se espalhara pelo resto do continente americano, e mr. de Humboldt nota judiciosamente que se via renovar na America o que se observara antigamente no velho mundo oriental: os caraibas das regiões do Sul preenchem o mysterioso officio attribuido na antiguidade aos Chaldeus.

Desde Lery e Biet até Barrière, o que os habitantes das florestas americanas teem sempre temido no mundo, é o espirito maligno que os espera d'improviso nas florestas para accommettel-os. Na Guyana, chama-se o *Hirokan* ou o *Maboya*; entre os Tupis do Brazil, que fallam linguagem analoga á dos Galibis, designam-no diferentemente: dão-lhe alternativamente os nomes de *Anhanga* e *Jurupari*.

O grande Lery, que vagueava, em 1558, nas bellas florestas frequentadas d'ordinario por estes genios malignos, fez-nos conhecer as diabolicas astucias d'estes, e pediu ao gravador o socorro da sua arte para nol-as representar fielmente. Elle que sabia pintar com tão risonhas côres as graças da natureza; elle, a quem a sua delicada candura fez dar o sobrenome de *Montanha* dos antigos viajantes, arrisca, por sua credulidade, esta gloriosa reputação. Graças a alguns capitulos da sua *Historia d'America*, tão divertida e sempre tão verdadeira, o espirito forte do seculo xvi achou meio de povoar as mais aprasiveis praias, os sitios mais encantadores d'uma multidão de genios maus; é preciso perdoar-lhe: são as superstições selvagens que elle tentou personificar para nossa instrucção, e se os *Kaagerre*, os demonios dos bosques e os alliados d'*Anhanga*, nos apparecem debaixo da forma que os artistas da sua epoca davam aos freguezes dos congressos nocturnos de feiticeiros, é por que elle os considerava com a maior boa fé como agentes de Satanaz. João de Lery era ardente adversario do que elle chama as superstições de Roma, e eis que as superstições das florestas lhe parecem coisas tão simples que as admite sem critica, fazendo-as figurar em um livro; mas ouviu tantas vezes repetir a estes indios: *Mair atourassap acequeiey aignan atoupaué* (francez, meu verdadeiro alliado, eu temo mais que tudo o espirito maligno), que acreditou não fazer nada melhor do que representar-nos ao vivo os tormentos horriveis reservados n'este mundo ao pobre habitante das florestas. A sua imaginação achou meio d'acrescentar ainda, ás narrações dos seus selvagens companheiros, o animal encantador que se vê no segundo plano: é o jaguar phantastico, tal como foi sonhado vinte annos antes por André Thevet, o rival e inimigo jurado de Lery. O cetaceo gigantesco que se

distingue no horisonte, é uma especie de leviathão personificando a innocente baleia que brinca nas pacificas aguas da bahia de Ganabara. Em toda a parte os homens d'estas regiões, indios e europeus, achariam o socego se quizessem; mas não pode ser assim, e o demonio da superstição, que escuta todos os oraculos, basta para crear um inferno onde Deus collocou mil esplendores que fazem lembrar o paraíso terrestre.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VIII

PRIMEIRO FIO DA TEIA.

Continuação.

«Ha poucos dias achava-me seroando n'uma das passadas noites de Dezembro, quando Samuel entrou em minha casa, e me propoz alto negocio, em que o ganho seria muito, e o risco nenhum.

«Tratava-se, dizia elle, de prevenir uma grande conspiração que estava a ponto de rebentar pelo desgraçado rei D. Affonso, encerrado ha tantos annos no seu palacio de Cintra pela ambição do irmão, e culpados amores da mulher; e comtudo, despresado dos grandes, e malquistado com o povo por causa do válido.

«Disse-me mais, que sua alteza, querendo tirar a este processo as apparencias da politica, para não assustar animos apoucados que violentamente se sobresaltam quando vêem quebrar-se a paz, concordara em seu conselho encerrar os conspiradores nas prisões do santo officio, dando-lhe character religioso. Para o processo politico havia provas, que foram as que decidiram tal passo, pois se apprehenderam papeis que relatavam a correspondencia que de alguns tem havido com o conde de Castello Melhor sobre o assumpto, e onde figura tambem o governo d'uma nação interessada em agitar-nos para restabelecer o seu perdido predominio: que faltando porém as provas para o processo religioso, homens espertos e desejosos de fazer fortuna as podiam administrar, contando com o favor do regente e a protecção da rainha.

«Até aqui o que lhe conveiu iniciar-me no projecto, sem referencia a nomes, nem ao objecto d'essas provas.

«Das pessqas com que contava disse ser eu em quem mais esperanças punha.

«Quanta arte e promessas pôde pôr em pratica, tudo empregou para me induzir. Nem faltaram lisonjeiros prospectos de futuro em que fazia entrar meus filhos, nem horrorosos quadros de perseguição, em que tambem minha familia teria parte, se eu rejeitasse.

«Escolhi os segundos; porque, Deus louvado, ainda tenho religião, e meus paes me ensinaram a acatal-a, como fonte de todas as venturas.

Embora o judeu pretendesse envolver n'este trama aquelle respeitavel santo officio; para mim tenho, que, elucidados, os inquisidores haviam despedir soltos e livres os indiciados; que muito seria haver corações de fera, que contra o dictame da propria consciencia condemnassem o justo!

« Recusei, portanto, absolutamente.

« Samuel mostrou-se irritado d'esta resolução, e blasphemando disse que já era perigosa para o caso a minha liberdade; por que iniciado n'um segredo de estado podia revelal-o aos interessados, e frustrar os designios das justiças que buscavam pôr-lhes mão.

« Repliquei que desarrasoado era aquelle sentir, quando eu ignorava o nome das pessoas que tinham parte na causa, e nem de leve as podia presuppôr.

« Respondeu-me que assim era, mas que os conspiradores com os espias que tinham aventariam todo o segredo pela mais pequena indiscrição que houvesse de minha parte, e que sendo bom para tudo a cautela, elle a empregaria por seu lado.

« Saiu sem me dar palavra, nem o tornei a encontrar até hontem em que vieste libertar-me.

« O ardil de que lançou mão foi grande, por que combinara com a justiça reter-me nas tricas do processo o tempo necessario para execução dos seus planos.

« Quando hontem lhe propozestes o meu livramento, vi como uma densa nuvem passar-lhe pelos olhos, que repentinamente se lhe obscureceram; e quando contastes a somma de que resava o auto, vi dirigir-vos uma ameaça como de quem dizia que embora triumphasseis, elle mais tarde vos soçobraría.

« Imaginei no caso proposto, e resolvi-me averigual-o. Conheço todas as entradas e saídas da casa de Samuel, e por isso o trabalho a que me dava, difficil para outro, seria facil para mim. Hontem mesmo de tarde levei á pratica o meu plano, e parabens me dou por ter podido ser-vos util. Ouvi fallar em vosso nome, e citar o de D. Gil, esse fidalgo dissoluto que por via do padre Gaspar jaz agora na torre. Corri ao seu palacio onde tenho relações com os criados, e tudo soube.

Continua.

A MATERNIDADE.

SEUS DEVERES.

I

Ao dirigir-nos a vós, formosas e amaveis creaturas, a quem o Creador formou sem duvida para que nos illuminasseis com vossos conselhos na tortuosa senda da vida; que partilhaes resolutamente com o homem, umas vezes o seu fatal destino, e outras a sua omnimoda autoridade, porque a Providencia comprehendeu que sem o au-

xilio da mulher não é possível robustecer-se a alma candida dos tenros fructos que acariciaes com affabilidade e sustentaes com orgulho em vosso brando regaço: julgamos opportuno valer-nos da maternidade para illustrar a razão de seus innocentes filhos, durante esse periodo fascinador em que seus castos ouvidos não escutam outro som além do sympathico da vossa voz, e que vos contemplam com vivo interesse, abrindo-lhes d'esta maneira vasto campo, em que possam livremente emitir suas ideas quando o influxo da educação tenha praticado uma paulatina regeneração na sua mente pueril.

Por conseguinte a educação, se fosse possível, deveria principiar a exercer o seu imperio desde o momento em que a creatura sauda o Creador.

Impedil-a que receba tão saudaveis lições ao abrigo d'essa instrucção que indubitavelmente lhe purificaria o espirito, e lhe desinvolveria a razão enfraquecida pelo ostracismo a que esta condemnada, é um extravio, um erro que só a maternidade autorisa; e até, para assim dizer, um crime, cujos alcances, mais ou menos importantes, não é facil avaliar.

Escutae-nos, e vereis se a maternidade poderá desculpar-se quando descuro, de maneira tão evidente, a primeira educação de seus filhos; porque quasi significa o mesmo dal-a extraviada, torcida e com má intelligencia, do que esquecel-a completamente.

Essa aberração constante de ideas, cercada de pensamentos obscuros e detestaveis, o que significa?

A avareza em uns, — o desejo de viver sem trabalhar em outros, — as torpes inclinações de muitos, — e a desmedida prevaricação de todos.... essa desinvoltura; — esse pouco apego ao interesse geral de que se faz alarde communmente; — essa corrupção que dilacera as entranhas da nossa vetusta sociedade; — esses corações nus d'affeições ternas, revestidos de ferro, que repellem toda a acção philantropica; — e, por ultimo, essas mentes embrutecidas, exaustas de recursos materiaes com que possam crear a sua felicidade, frias, debilitadas pelos excessos, e insensíveis, acariciadas por ambições desmedidas, que nos fazem comprehender?

Esse catalogo de crimes monstruosos que aterram os sentidos, que demonstrará?

Essa multidão de phenomenos extraordinarios, que, como a espada de Damocles, descarregará tambem sobre nossas cabeças, o que vaticina?

E, enfim, essa funesta conflagração universal de ideas e pensamentos, de palavras sem significação, e que apesar d'isso influem muito na desmembração social, e na deslocação d'essa grande machina que forma a humanidade, descuidada, abatida, e obscurecida, o que patenteia?...

Que a educação tem sido cruelmente postergada, e que em virtude d'um interregno de muitos seculos, essa chamma que vivifica a sociedade permanecia sopeada ante o poder de uma

força superior, que não lhe permittia desinvol-
ver-se, escurecendo seus fulgores, porque a il-
lustração n'aquellas epochas de obscurantismo e
objecção intellectual era terrivel, — soffrendo as
consequencias d'esta falta transcendente, e em
maior escala a mulher, cujo sexo debil, não par-
ticipando com tanta vehemencia dos nossos de-
sejos, carecia d'essa instrucção que não podia
fazer extensiva a seus filhos.

Mas estas causas terminaram ha muitos an-
nos, e ainda que a educação existe considera-
da como pingue patrimonio de todos, a ignoran-
cia converteu-se em apathia, em inercia, e a ju-
ventude candida e innocente presta exagerado
culto ás impressões que mais lhes abalam os sen-
tidos, porque a maternidade não cumpre, e, o
que é mais, não conhece os seus deveres; pois
consente que se aninhem em sua ardente imagi-
nação os desejos, as aspirações briosas e atrevidas
do homem, em vez das doutrinas que formariam
indubitavelmente a sua alma no futuro.

De tudo isto resulta que a educação, tal qual
existe, é viciosa e eminentemente arriscada para
a juventude, e tambem prejudicial para esta so-
ciedade que se está desmoronando.

II

Não é a mulher inclinada ás maximas do se-
culo passado, ou a de epochas antediluvianas, que
em nossos dias de progresso é chamada a fazer
a felicidade conjugal, illustrando por via de pas-
satempos os seus tenros filhos; a mulher de hoje
necessita inevitavelmente ser adornada de outros
attributos mais sublimes, porque a sua missão é
mais digna, nobre e expansiva.

A mulher de outros tempos, mais severos, se
se quizer, em costumes, mas mais atrasados, ain-
da que revestidos de certa hypocrisia e scepticis-
mo que lhes era peculiar, mostrava unicamente
a sua sufficiencia *varrendo, fiando, cosendo*, dedi-
cando-se unicamente aos que fazeres domesticos,
a esses trabalhos grosseiros, estereis e insulsos em
demasia; mas a mulher dos nossos dias neces-
sita ser educada sob mais lisonjeiros auspicios,
porque sobre ella recae o anathema que seus fi-
lhos e a sociedade fulminam quando não ouve a
voz do dever, esquecendo os seus compromissos
e não communicando com a celeridade do raio
aquelles a quem dera o ser essa instrucção que
é precursora de magnifico futuro, cercado de
imagens brilhantes, destruindo o arido, insulso
e frio com que os brindava uma mãe que se
intrincheirara no circulo traçado pela ineptia.

Por consequencia, não se pode chamar de ma-
neira alguma boa mãe a que não educa seus fi-
lhos como convem, principalmente não vivendo
hoje entre nós a mulher escravizada e embru-
tecida como em outros tempos e paizes, sujeita
só aos estereis desejos de um homem cujo sem-
blante cynico causava horror.

A civilisação tambem vos chegou, desinvol-
ve-se suavemente em redor de vós, lèdes com

entusiasmo esclarecidas obras, e já saistes da
miseravel orbita em que giraveis; é portanto
justo que trabalheis assiduamente em favor do
genero humano educando vossos filhos.

A educação que imprimirdes no coração de
vossos filhos deve ser esta: acceitae-a e regene-
rareis a sociedade, que está proxima a succum-
bir ao grande peso que a esmaga.

III

Repeti-lhes incessantemente que amem a Deus,
e aos seus semelhantes, porque amando seus ir-
mãos, e toda essa massa informe, heterogenea,
mas compacta, que constitue a humanidade, iden-
tificar-se-hão com todos estes seres, e o seu cora-
ção ter-se-ha formado para o bem; porque de con-
trario, se lhes inspiraes, ainda que mui ligeira-
mente, aversão, odio, horror aos outros homens,
porque differem d'elles, ensinar-lhes-heis maxi-
mas contrarias á religião, dando-lhes logar a que
a pratiquem desleixadamente.

Notae tambem que a religião sabiamente in-
terpretada constitue a fonte da civilisação; mas
elevada a exagerada religião, isto é, transfor-
mada em cahos fanatico e supersticioso, esta pe-
dra angular que serve de apoio á sociedade cairá
em inevitavel descredito.

Pegae na Biblia e correi com a vista as suas
letras d'ouro, — suas paginas refulgentes, — e
depois meditae um instante.

Analysae detidamente aquelles conceitos ex-
pressados com tanta valentia: a sua concisão
demonstrará a verdade de nossas asserções.

Quereis que vossos filhos professem a religião
de seus antepassados, sem profundar-lhe os ar-
canos, sem estudar os eccos d'aquella voz subli-
me, emanada de Jesus Christo, Redemptor nos-
so?... Embora... fazei-o assim...

Mas tende presente que a religião é uma ar-
ma poderosa, e que por ella se tem derra-
mado copiosas torrentes de sangue, como se a
insignia immaculada da Cruz necessitasse a for-
ça das armas para triumphar da impiedade.

Ha homens, que se persuadem ter bens, que
nunca possuiram; taes são: o charlatão, quanto
á sciencia; o tolo, quanto ao juizo; e o fanatico,
quanto á virtude.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguém
julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan —
preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros,
STAMBUL, original de Aristides Abranches — pre-
ço 300 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Vir-
gilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.